

# 24<sup>a</sup>

14 a 16  
de maio de  
2013

# Semana de Enfermagem

Hospital de Clínicas de Porto Alegre - Escola de Enfermagem da Ufrgs

Local: Anfiteatro Carlos César de Albuquerque - HCPA

*Segurança: para quem cuida e  
para quem é cuidado*



# Anais



**GRUPO DE ENFERMAGEM DO  
HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE  
ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UFRGS**

*Segurança: para quem cuida  
e para quem é cuidado*

**14 a 16 de maio de 2013**

**Local**

Hospital de Clínicas de Porto Alegre  
Anfiteatro Carlos César de Albuquerque  
Porto Alegre – RS

## **HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE**

### **Presidente**

Profº Amarílio Vieira de Macedo Neto

### **Vice-Presidente Médico**

Profª Nadine Oliveira Clausell

### **Vice-Presidente Administrativo**

Bel.Tanira Andreatta Torelly Pinto

### **Coordenadora do Grupo de Pesquisa e Pós-Graduação**

Profº Eduardo Pandolfi Passos

### **Coordenadora do Grupo de Enfermagem**

Profª Ana Maria Müller de Magalhães

## **UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

### **Reitor**

Profº Carlos Alexandre Netto

## **ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UFRGS**

### **Diretora**

Profª Eva Neri Rubim Pedro

### **Projeto gráfico, ilustração e diagramação**

Gleci Beatriz Luz Toledo

## **DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO-CIP**

S471s Semana de Enfermagem (24. : 2013 : Porto Alegre, RS)

Segurança : para quem cuida e para quem é cuidado ; anais [recurso eletrônico] / 24. Semana de Enfermagem ; promoção e realização Grupo de Enfermagem do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; coordenadora Eneida Rejane

Rabelo da Silva; projeto gráfico, ilustração e diagramação Gleci Beatriz Luz Toledo. – Porto Alegre: HCPA, UFRGS, Escola de Enfermagem, 2013.

1 CD-ROM

ISBN:

1. Enfermagem - Eventos. I. Hospital de Clínicas de Porto Alegre. II. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Enfermagem. III. Silva, Eneida Rejane Rabelo da. IV. Toledo, Gleci Beatriz Luz. V Título.

NLM: WY3

Bibliotecária responsável: Jacira Gil Bernardes – CRB 10/463

## O IMPACTO DO PROCESSO DE MORRER NA VIDA PROFISSIONAL E PESSOAL DOS TRABALHADORES DA ENFERMAGEM

Aline Peixoto Nunes, Ioná Carreno, Claudia Carina C. dos Santos

**Introdução:** A morte é um assunto do qual não podemos escapar em algum momento da vida, ela não é algo simples de ser discutido em nossa cultura. A compreensão sobre a morte foi sofrendo alterações com o passar dos anos, sendo que, a partir do século XX, a morte passou a ocorrer com maior frequência no ambiente hospitalar e não mais no domicílio como era comum anteriormente. Mesmo os trabalhadores possuindo preparo técnico, dificilmente estarão preparados para as situações que testam seu lado emocional. Bulhões, explica que o convívio diário com pacientes em fase terminal e a morte, obriga muitas vezes o profissional a manter neutralidade e não demonstrando os sentimentos reais. Desta forma, podem demonstrar isolamento, solidão, monotonia, falta de estímulo, entre outros sentimentos, evidenciando a falta de preparo diante destas situações. As dificuldades em abordar o assunto acerca da morte e morrer podem ser percebidas em pacientes e em profissionais da saúde, ocasião em que, frequentemente, desvincular-se e não se envolver com o assunto se torna um mecanismo de proteção. **Objetivos:** Conhecer o impacto do processo de morrer na vida profissional e pessoal dos trabalhadores da enfermagem bem como as ações desenvolvidas por eles para minimizar este processo. **Métodos:** Trata-se de um estudo qualitativo do tipo exploratório-descritivo. Realizaram-se entrevistas semi-estruturadas com 23 profissionais da área da enfermagem que atuam em um hospital de médio porte do interior do estado do Rio Grande do Sul. Para análise de dados optou-se pela análise de conteúdo. **Resultados:** Demonstraram que estes profissionais de enfermagem sofrem intensamente em acompanhar o paciente em sua terminalidade. Para enfrentar este processo utilizam de alguns mecanismos de defesa e estratégias, individuais ou coletivas, como negação, afastamento e criação de rotinas. Estes profissionais sugerem a importância de acompanhamento psicológico para equipe a fim de minimizar os sentimentos vivenciados durante o processo de morte do paciente. A evidência da morte é uma constante em nossas vidas, e essa noção exerce efeito transformador na associação com o viver. É inevitável e faz parte do ciclo da vida de todo ser humano, mas nunca é aceitável, principalmente quando envolve os sentimentos de todo grupo familiar. (...) Bom, o fim da vida é sempre um assunto instigador mas pouco trabalhado tanto na graduação quanto no dia-a-dia, não é um tema que discute-se habitualmente por

que é algo que queremos afastar da nossa realidade profissional, é difícil saber como lidar, como assisti-lo para confortá-lo nesse momento. Me sinto despreparada para prestar uma assistência de qualidade frente a morte(...). Todos os sujeitos trouxeram em seus relatos a importância de acompanhamento psicológico e realização de ações para motivar a equipe. (...) Sugiro encontros com as equipes de enfermagem juntamente com profissionais da área de psicologia (ou outros), para se ter momentos de reflexão, troca de sentimentos, momentos para desabafar e dividir angústias. Neste caso, a equipe se fortalece nos motivamos no trabalho para deixar o ambiente mais "leve". Acho que as instituições de saúde deveriam ter um "olhar" mais aguçado neste sentido "cuidar do cuidador", quando o cuidador está fortalecido e motivado poderá oferecer maior conforto, segurança aos pacientes e familiares (...) (Marron).

**Conclusão:** O grau de sofrimento dos profissionais varia dependendo do vínculo que constroem com o paciente e a família, mas ressaltam que grande parte está relacionada aos pacientes jovens em tratamento paliativo. Com relação ao preparo dos trabalhadores em atender este tipo de paciente, percebemos que grande maioria sente dificuldades em lidar com a morte devido a falta de preparo na formação acadêmica. Notou-se que estes profissionais utilizam de mecanismos e estratégias para enfrentar o sofrimento causado pela morte dos pacientes, sendo eles individuais ou coletivos, como negação, repressão, racionalização, e a naturalização. Para os sujeitos entrevistados, a troca de experiências entre eles, é a principal ação utilizada a fim diminuir a angústia e o sofrimento, mas existe aqueles que optam por conversar com seus familiares ou praticar atividades de lazer.